

**HUMANISMO, ADAPTABILIDADE E JESUÍTAS:
DISCURSOS INAÍCIANOS EM MEIO AO NOVO MUNDO**

Leandro Garcia Pinho (UENF)
leandrogarciapinho@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar, de forma comparativa, os escritos textuais deixados pelos jesuítas Fernão Cardim e Francisco Soares (em missão no Brasil), autores respectivamente *Do clima e terra do Brasil* e *Coisas notáveis do Brasil*. Partir-se-á da análise destas obras descritivas do mundo natural da América do século XVI para, metodologicamente, fazer-se as ligações, distâncias e singularidades de cada um destes tratados, bem como tentar responder a algumas questões relacionadas com a circulação do conhecimento entre a Europa e a América, levando-se em consideração esses construtos textuais dos jesuítas nos quinhentos. O saber e o conhecimento passam a delinear um pensamento adaptado à realidade que cerca os missionários, enquanto o Velho ainda tinha uma grande referência para pensar o Novo. Uma verdadeira adaptabilidade se configura no pensamento intelectual produzido à luz da colonização.

Palavras-chave:

Textos jesuítas coloniais. Tratados coloniais.
Escritos quinhentistas no Brasil Colônia.

RÉSUMÉ

L'objectif de cette étude est de comparer les écrits des jésuites Fernão Cardim et Francisco Soares (missionnaires au Brésil), auteurs respectifs de *Do clima e terra do Brasil* et *Coisas notáveis do Brasil*. L'analyse de ces ouvrages descriptifs du monde naturel de l'Amérique du XVI^{ème} siècle met en évidence, de façon méthodique, les liens, distances et singularités de chacun de ces traités, et tente de répondre à des questions comme celle de la circulation de la connaissance entre l'Europe et l'Amérique, en tenant compte de ces textes de jésuites du XV^{ème} siècle. Le savoir et la connaissance permettent de tracer le contour d'une pensée adaptée à la réalité de ces missionnaires, à une époque où l'Ancien était encore une grande référence pour penser le Nouveau. Une véritable adaptabilité se dessine dans la réflexion intellectuelle produite à la lumière de la colonisation.

Mots clés:

Texte jésuites coloniaux. Traités coloniaux.
Ecrits Du XV^{ème} siècle sur la colonie Brésil.

1. Introdução

Partir para o conhecimento dos escritos deixados pelos jesuítas em contato com o Novo Mundo nos mostra a pluralidade da ação dos jesuítas

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tas pelo mundo que a eles se descortinava no contexto da expansão marítimo-religiosa-comercial do alvorecer da Era Moderna para a Europa Ocidental. Envolto a diferentes contextos, em diversas geografias e em variadas situações, os Soldados de Cristo deixaram escritos que podem ser percebidos de formas tão múltiplas quantas são suas cartas, tratados, poemas, panegíricos, apologias, enfim, seus inúmeros escritos.

Lendo estes escritos, parte deles, é claro, chamaram-me atenção colocações feitas por alguns jesuítas em contato com o Novo Mundo que aludiam à descrição da terra – primordialmente a fauna e a flora – dos territórios que abrigavam as missões, esses escritos podem ser divididos, basicamente em dois tipos: cartas/missivas e tratados, estes últimos mais raros, mas não menos valiosos para os estudos sobre esse contexto missionário.

Destaco aqui que as cartas jesuíticas²⁴⁰ não podem ser percebidas de forma genérica para serem apreendidas em suas particularidades e riquezas de detalhes. É vendo-as em suas singularidades que podemos, por exemplo, diferenciar os escritos relativos à natureza brasílica nas três cartas escritas por Nóbrega, Antonio Pires e Ambrosio Pires dos encontrados na carta de Anchieta de 1560. Entrementes, há um outro grupo de textos que me chamou mais atenção: os tratados. Fui atraído por este tipo de texto a partir da leitura da obra de José de Acosta (2006), *Historia natural y moral de las Indias*, datada de 1590. Após a leitura deste texto, passei a pensar na possibilidade de que os jesuítas que se dirigiram ao Brasil também pudessem ter escrito textos semelhantes, dedicando-se mais detalhes e exemplos dos assuntos descritos do que o que acontece nas cartas.

Assim, deparei-me com dois tratados jesuíticos do século XVI que versavam sobre nossa flora e fauna, um de Fernão Cardim, *Do clima e terra do Brasil*, e outro de Francisco Soares, *Coisas notáveis do Brasil*. O gênero de tratados entre os jesuítas coloniais é raro: de acordo com Serafim Leite (1938–1950, Tomo IX, p. 215-16), poucos jesuítas estavam preparados para escreverem tratados, pois “tal gênero de escritos, que exigia tempo e vagar”. Isto leva o historiador oficial da Companhia a afirmar que não estarão entre os autores deste gênero de escritos aqueles que ocupavam os cargos de Superiores, sendo mais comum aos seus

²⁴⁰ Eisenberg (2000, p. 20) destaca que “foi no seio dessa instituição epistolar que os jesuítas formularam justificativas para suas estratégias missionárias e suas atividades políticas, e nela testemunhamos as mudanças conceituais”.

Secretários, como Cardim, Secretário do visitador Cristóvão de Gouveia, e Jácome Monteiro, Secretário do visitador Manuel de Lima.

Para além deste comentário de Serafim Leite, importa-me sua catalogação dos textos jesuíticos. De acordo com seus registros, os textos principais que, em forma de tratado versam sobre nossa flora e fauna, são de autoria de Fernão Cardim, Francisco Soares, Jácome Monteiro, Diogo Soares e João Daniel (LEITE, 1938–1950, Tomo IX, p. 215). Dentre estes, o de Cardim e o de Soares seriam os que foram escritos no século XVI no Brasil, enquadrando-se no recorte espaço-temporal aqui delimitado²⁴¹.

2. *Francisco Soares e Fernão Cardim*

Bem menos conhecido que o “Apóstolo do Brasil” (José de Anchieta), Francisco Soares almejará notificar aos leitores informações sobre a terra brasílica em forma de tratado. No estilo deste tipo de escrito, Soares se empenhará em atribuir às nossas terras características próprias, tratando da história do descobrimento e povoação do Brasil, dos trabalhos dos jesuítas, dos costumes dos índios e também das principais espécies de nossa fauna e flora. São aspectos diferenciados, mas que convergem ao título do texto *De algumas coisas mais notáveis do Brasil*.

Já Fernão Cardim, este é considerado pelo historiador-mor da Companhia de Jesus no Brasil como “administrador, historiador e etnógrafo”, Cardim nasceu em 1549, em Viana do Alentejo. Entra para a Companhia em Évora, quando lá estudava, em 1566. Seus estudos se completam em Humanidades, Artes Liberais e Teologia, tendo, após sua conclusão, já se destacado como Ministro do Colégio de Évora. Embarca para o Brasil em 1583, já com a missão de ser Secretário do Visitador Cristóvão de Gouveia. Sua profissão de solene acabou por ser na Bahia, em 1588. Tendo o Visitador voltado para a Europa, Cardim permanece no Brasil, como Reitor do Colégio da Bahia e do Rio de Janeiro, sendo eleito Procurador em Roma no ano de 1598, que para lá se dirige (LEITE, 1938–1950, Tomo XIII, p. 132).

Retomando Soares, muito há que se esclarecer sobre este inaciano que não veria seus escritos tão referenciados como os de outros jesuítas

²⁴¹ Este texto é uma adaptação de minha tese de Doutorado defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG) (PINHO, 2006).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

do século XVI (e aqui citados), como José de Anchieta e Fernão Cardim. Segundo sua biografia, digna de ser apresentada por Serafim Leite em apenas meia página de sua monumental *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Francisco Soares nasce em 1560, em Ponte de Lima.²⁴² Entra para a Companhia em 1575, vindo a dotar-se de bom conhecimento da língua brasileira. Para Leite, o fato de ser “língua” e só vir a estudar sete anos após de sua entrada para a Companhia “supõe que a princípio se ocupou em ministérios temporais, o que explicam as observações pessoais que se encontram na sua narrativa” (LEITE, 1938–1950, Tomo IX, p. 139).

Soares acompanha o Visitador Cristóvão Gouveia em 1589 no retorno deste à Europa. E, como viria acontecer também mais tarde com Cardim, cai nas mãos de piratas, só que no caso de Soares os corsários eram franceses. Segundo o que o próprio Cardim²⁴³ diz em sua *Narrativa Epistolar* – que seria publicada como um terceiro texto dentro do *Tratado* de autoria deste último e que analiso aqui –, embarcaram na véspera do dia dos Apóstolos São Pedro e São Paulo, “com o terral da manhã se fizeram á vella para esse reino; tiveram sempre prospera viagem até á altura de Portugal, em que foram tomados uma manhã de um brechote-francez, sem haver alguma resistencia, por a nau ser desarmada sem nenhuma defesa, 6 de setembro” (CARDIM, 1978, p. 220).

Nesta investida, os maus tratos a que seria acometido mereciam destaque de Cardim, posteriormente, dando continuidade a sua narrativa: “nove dias os troxeram os francezes comsigo, nos quaes padeceram muita sede, fome e frio, e máu agasalho”. Assim, “com que ao padre deu um catarro rijo com febre que o tratou muito mal e poz em risco da vida, mas tinham elles tão arricasda que cada dia esperavam pela morte a que estavam offerecidos”. E a situação dos embarcados continuou a piorar:

andando com elles appareceu uma formosa nau ingleza, aqui de todo cuidaram não escapar, mas livrou-nos Nosso Senhor, porque se contentou o inglez com perguntar, que porta a náu e respondendo-lhes os francezes que bacalháu, passou; mas não passou a fúria dos francezes, que vendo ir

²⁴² Devo chamar atenção aqui para a existência de vários membros da Companhia de Jesus no período colonial homônimos ao jesuíta aqui em destaque. Só para a colônia brasileira mais dois Francisco Soares recebem notificação de existência, além do autor das *Coisas notáveis do Brasil*. Isto sem contar outro, também Francisco Soares, que nasce e atua pela Companhia somente no Velho Mundo, em terras portuguesas no século XVII. (LEITE, 1938–1950, Tomo IX, p.138–140).

²⁴³ Optei por manter a grafia dos textos originais como publicados pelas edições consultadas para este trabalho.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

pela água uns papéis, que por serem de segredo o padre os mandou lançar ao mar, e como elles são desconfiados, cuidaram que ia allí alguma traição ou cartas para El-Rei, em que por isso os lançaram ao mar: saltou a furianelles, e o capitão com outros tomaram as achas de fogo, e deram uma bôa a cada um dos nossos. (CARDIM, 1978, p. 220-1)

Neste evento, todos os jesuítas pereceriam com castigos: “ao irmão Barnabé Tello pelo rosto, ao padre Francisco Soares pelas costas, e ao padre por uma coxa, estas são boas piculas sem post pasto” e continua: “mas não faltou este para o padre visitador, porque não satisfeito, um delles achou uma tijella de fogo, e lha arremessou á cabeça com tanta força que lhe tratou muito mal um olho; acudiu logo outro francez, e de um rolo que tinha tomado aos padres fez uma pasta e lha poz nelle”. Safando-se destas e de outras intempéries pelas quais passariam enquanto estavam nas mãos dos corsários francezes, o grupo que acompanhava Soares acaba por atracar em Biscaia, porto de Santo André, onde “sahiram em terra muito desfigurados de fome, rotos, maltratados de frio” e “lastimosos” (CARDIM, 1978, p. 221).

Recuperando-se, cavalgam até Burgos, de Burgos a Valladolid e daí até Bragança (CARDIM, 1978, p. 222-3). Serafim Leite não trata de tantos detalhes desta trágica viagem de Soares. O “historiador oficial” da Companhia aqui em nossas terras apenas nos informa da existência do relato desta captura e acrescenta que Soares, após esta epopéia, não voltaria mais à colônia lusitana, vindo a falecer em novembro de 1597 (ANCHIETA, 1988, p. 139).

Assim como há poucas informações biográficas de Francisco Soares, só consta em Serafim Leite uma única indicação à produção textual deste jesuíta. Há apenas referência ao texto *Das cousas do Brasil e Costumes da Terra pelo P. Francisco Soares* (que se encontra na Academia de História de Madrid) e *De algumas cousas mais notáveis do Brasil* (depositada na Biblioteca da Universidade de Coimbra). (ANCHIETA, 1988, p. 139) Segundo Cunha, estes dois textos devem ser atribuídos ao mesmo autor e versam sobre o mesmo assunto (CUNHA, 1966, p. XV). Daí, em obra organizada por ele, vieram a ser publicados no Brasil pela primeira vez em conjunto sob o título *Coisas notáveis do Brasil*. Cunha aponta vários argumentos que o fizeram crer que os textos – apresentados por Serafim Leite sob dois títulos diferentes – são de mesma autoria. Porém o que faz com que estes textos se tornem independentes e com

características peculiares é o fato de que foram transcritos por copistas distintos.²⁴⁴

Apoio-me aqui basicamente no manuscrito de Coimbra, que recebe o título de *De algumas cousas mais notáveis do Brasil*. Assim o faço por motivos apresentados pelo próprio Cunha. Segundo este, a versão de Coimbra desenvolve e amplia os mesmos temas apresentados pela cópia de Madrid, porém dando “especial relevo às descrições de numerosas espécies animais e vegetais”. No texto de Madrid ocorrem alguns processos de redação mais expressivos no que se trata dos costumes dos nativos (suas virtudes, vícios, adotando como padrão para aferi-los os preceitos dos dez mandamentos), o que não acontece no escrito depositado em Coimbra, em que este tópico é tratado de maneira bem diversa (CUNHA, 1966, p. XVI). Opto, então, por este último pelo fato do meu interesse neste estudo ser a visão do mundo natural brasílico entre os jesuítas no século XVI.

Numa visão do todo, este tratado de Soares informa ao leitor sobre a vinda dos jesuítas, dos franceses, as lutas com estes no Rio de Janeiro, as lutas com os índios, seus costumes e tradições, a criação de mosteiros beneditinos e conventos franciscanos, a quantidade de cristãos e de nativos batizados e, do que mais me interessa, trata do que o autor chama de “sitio do Brasil”, momento em que aparece o maior número de referências ao mundo natural de nossas terras. Esta é, sem dúvida, a parte mais extensa dos escritos de Soares. Enquanto sobre os outros assuntos existem cerca de 25 folhas de manuscrito, sobre o *sitio* há cerca de 65 folhas.

Soares mescla, sob esse tema, “Sitio do Brasil”, questões pertinentes à vida indígena e aos elementos naturais. Não que Cardim não o faça, mas o faz utilizando-se do nativo somente quando este é necessário para explicar os detalhes de como se utilizar os elementos naturais descritos. Já Soares, mesmo tendo se referenciado em diferentes momentos anteriores ao trecho do *sitio* aos caracteres nativos, volta a falar de forma genérica sobre a vida autóctone nos trechos que seriam destinados aos reinos animal e vegetal. Ele o faz, desta forma, nos seguintes itens: “dos

²⁴⁴ Vários argumentos são usados por Cunha para afirmar a autenticidade dos dois textos como sendo de mesma autoria. Os mais importantes seriam sobre o confronto entre trechos descrevendo o mesmo fato e vários dados biográficos do autor coincidentes nos dois textos (nacionalidade, profissão, anos de permanência no Brasil, lugares que visitou, atividades que aqui exerceu, o conhecimento da língua brasílica que utilizou na caetequese). (CUNHA, 1966, p. XVIII-XXII).

costumes e cazamentos”; “como os armam cavaleiros”; “dos seus costumes” e “dos Agoiros”.

Acredito não haver um motivo conceitual para Cardim não apresentar estes tipos de tópicos em sua discussão, nem em Soares um motivo para fazê-lo. Cardim possui outro texto – que também está publicado dentro do que se convencionou chamar de *Tratados da terra e gente do Brasil* – que se intitula *Do principio e origem dos indios do Brasil*. É neste outro tratado que Cardim se debruça sobre os costumes e vida indígenas, o que chamaríamos de cultura nativa. Soares, ao que tudo indica, só possui este texto. Faz, então, uso da descrição dos elementos autóctones por todo o texto, mesclando-a a diferentes temas tratados.

Do reino mineral há vários itens referenciados no manuscrito de Coimbra. Soares inicia com a descrição dos rios, dando ênfase ao Amazonas e ao São Francisco. Quando traz a informação sobre o fogo, o texto se torna bem interessante. Sobre este item o jesuíta se refere à lenda indígena para o surgimento do fogo: dizem que morreu um homem no mato, gaviões apareceram, tiraram-lhe os olhos e um guaricuja – um outro pássaro – trouxe-lhe o fogo; neste fogo os olhos do homem foram assados; o filho vê seu próprio pai morto fazendo com que os pássaros fujam, deixando o fogo para trás numa “casta de pão”; assim, toda vez que os nativos precisassem obter fogo tirariam do atrito deste pau; já outros grupos indígenas diziam, segundo o inaciano, que o pássaro é outro, o jacu que possui o papo “muito vermelho” (SOARES, 1966, p. 85).

É relevante notar que Soares está tanto descrevendo a técnica do uso de gravetos para a fabricação do fogo, quanto trazendo ao leitor o fundamento que o nativo usa para explicar o motivo deste pau “fazer fogo”. A água e o fogo, como elementos fundamentais à sobrevivência humana, são referenciados pelo jesuíta numa posição textual próxima e nada mais útil do que saber sobre grandes fontes de água doce e também como extrair o fogo em terras tão distantes.

Do reino vegetal, um dos elementos que Soares dá maior indicação é a descrição sobre a mandioca. Este tubérculo, nota o jesuíta, é de uso maciço na cultura indígena, sendo a base da alimentação dos da terra. Assim, tanto em Cardim quanto em Soares, o elemento da terra merece, muitas vezes, maior ou menor destaque em função dos atributos que o humano dá a ele. E é isso que justifica o gasto de tanta tinta no item “mandioca”. Soares nota, já de início, que este é o “mantimento principal

do brasil”, “milhor q’ arros, Jnhames milho e qualquer outro”. Atribui o jesuíta duas excelentes características nutricionais ao tubérculo: boa digestibilidade e versatilidade no preparo (podendo ser usada como farinha, ralada, em bolos, pães, doces) (SOARES, 1966, p. 87).

Como também é feito com os itens dos animais, os jesuítas, tanto Cardim quanto Soares, alertam ao leitor sobre os malefícios destes. No caso da mandioca, apesar de ser o grande alimento dos brasis, possui também riscos à saúde humana, bem como pode servir de cura até mesmo para esquivar-se de “pessonhas”. É preciso lembrar que o medo do envenenamento e das “pessonhas” (ou até “peçoñas”) é uma preocupação constante nestes tratados. Os dois jesuítas descrevem abundantes exemplos de cobras e lagartos venenosos. A ênfase recai sobre as cobras, com maior destaque às mais perigosas. Desta forma, o possível leitor dos dois textos poderia até mesmo conhecer sobre os tipos que possuíam ou não o tão temido veneno das víboras.

Voltando à descrição da mandioca, alerta Soares que quem vier beber a água que se espreme da mandioca para se fazer a farinha pode morrer, mas, apesar disso, se a “farinha seca” for consumida “he contra pessoa e sara logo e assi se da para qualquer mordedura de cobra ou outro veneno”. Mandioca, como avisa o jesuíta, é um nome genérico para vários tipos de raízes semelhantes que se enquadram nesta nomenclatura, pois esta é uma “aruore de muitas castas”. Traz, assim, referência ao “ajpi”, que se come assada, sendo boa como castanha, sendo até mesmo “milhor que batatas”. Em outro trecho o inaciano tanto explica como usar as variantes da mandioca, indicando inclusive métodos de conservação da raiz:

Da carima que he a rais seca se fazem amendoados cousas doces e o mais e se faz pão co arros mesturado e esta seca botaõ e mestura õcõ a outra quando querem que se cõserue para longe como quando a trazem para portugal os marinheiros ou quando o vaõ a guerra e para isso lhe chamaõ farinha de guerra esta he muito mais roim que a fresca mas façe para necessidade serve a carima pera lombrigas dor de colica e maleitas. (CUNHA, 1966, p. 87; p.89).

“Carima”, como o aipim, é descrita por Soares como uma outra variedade de mandioca e, apesar de parecer ao jesuíta menos saborosa, apresenta mais informações sobre ela do que sobre o aipim. Isto talvez se deva ao seu uso mais evidente ao europeu que estivesse em trânsito pelos mares.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Sobre os aspectos físicos a mandioca é descrita por Soares como raiz grossa como uma perna e do mesmo comprimento, (CUNHA, 1966, p. 87) podendo chegar a ser alta como um homem e com folhas como dedos e mãos. Soares inclui também noções do manejo agrônômico do tubérculo, que se mostra de fácil uso ao homem: “se mete na terra da altura de palmo e muito e logo torna a dar e por esta facilidade se não quer dar a gente principalmente em São Vicente e Rio de Janeiro a trigo que o da muito bom”. Ou seja, ao que a ela se dedicar terá bom e fácil fruto a colher, pois, além disso, até para o armazenamento ela é fácil de se lidar: “se tem debaixo da terra que he o seleiro e quando a an mister a vão buscar a Roça” (CUNHA, 1966, p. 89). A utilidade ao homem é o critério de descrição da tão nobre raiz. Outros alimentos também são referenciados neste item que recebe o nome de “mandioca”: milho, feijões, favas, couves, hortaliças, inhames, batatas carazes, gengibre, pimenta, bananas, coqueiros, palmeiras e cana. Escolhe o jesuíta falar do elemento vegetal que a ele lhe parece mais versátil e mais característico destas terras. Feliz em seu argumento, faz uma pequena apologia ao tubérculo, digno de qualquer propaganda agrícola necessária à sobrevivência nos trópicos.

Como em Cardim, são os animais os elementos da natureza sul-americana que mais merecem menção de Soares. A última parte do texto deste iniciano engloba o que ele chama de *Livro dos animais*. Sob este grande tema relata-nos diferentes tipos e espécimes nativas terrestres. No geral, o autor traz alguns pontos básicos ao descrever o animal. O primeiro animal a ser descrito é o veado, também primeiro item do tratado de Cardim. Vejamos o que dizem os jesuítas:

a) em **Soares** (SOARES, 1966, p. 103):

i. características físicas: os veados são de muitas castas, sendo que cita os que são chamados de “corços”; como os de Portugal, apresentam-se com 10 a 12 “galhos”, sendo as fêmeas menores que os machos;

ii. utilidade ao homem: a pele é usada na confecção de botas e tecidos.

b) em **Cardim** (CARDIM, 1978, p. 25-26):

i. nomenclatura indígena: sugoaçú;

ii. características físicas: estas se apresentam conforme o que viria a ser chamado pela ciência de sub-espécie de veado, envolvendo a distinção também por habitat: a) grandes, como cavalos, tem “grande armação

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

e alguns têm dez e doze pontas; estes são raros, e achão-se no Rio de S. Francisco e na Capitania de S. Vicente”; b) ou pequenos, “como cornos com uma ponta só”; c) e há ainda os que andam somente nos matos; d) além dos que vivem nos campos em bandos; e) utilidade ao homem: “das pontas e nervos fazem os bicos das frechas, e humas bolas de arremeço que usão para derrubar animaes ou homens”; alimento e uso da pele.

O que podemos ver é que em Cardim há informações diferentes das apresentadas por Soares. Na verdade, o leitor vindo a conhecer os dois textos poderia complementar sua imagem dos elementos naturais descritos. Em muitos itens os dois jesuítas tanto se aproximam – quando escolhem, por exemplo, os animais a serem citados – quanto se distanciam – quando escolhem a forma pela qual cada espécie será descrita. É assim durante todo o trecho das *coisas naturais*. E o que os inicianos mais compartilham é a ideia de se colocar o homem como o centro das explicações, usando as informações que advêm dos nativos para mostrar ao letrado europeu a utilidade dos elementos naturais do Novo Mundo. Acredito ser esta a característica do humanismo que estará mais evidente nos dois textos.

Soares finaliza o trecho sobre os animais com o grupo *das aves*, (SOARES, 1966, p. 127) que ocupa 8 folhas do manuscrito de Coimbra. Vemos, após este trecho, outro tópico: *das ervas que Dioscoredesnaõ teve conhecimento nem fez mençaõ nem outros autores*. Nesse momento, Soares nos mostra o ineditismo de seus escritos ao mencionar que outros autores anteriores a ele não tinham notificado o mundo sobre a existência destas ervas. Como na descrição dos animais, o jesuíta respeita tópicos básicos: características básicas, incidência geográfica, ciclo de vida (estes dois tópicos não ocorrem em todos os casos) e o assunto mais frequente, e talvez mais necessário, a utilidade.

Ao findar o trecho *das aves*, Soares apresenta, por este manuscrito, um retorno ao reino animal. Desta vez o jesuíta apresenta, aí sim em maior número que Cardim, os animais que possuem relação com a água, tanto os que nela vivem quanto os que nela habitam o entorno. Como um navegante que vai descrevendo os últimos elementos naturais que observa de nossa terra, são os animais marinhos que mais merecem destaque neste trecho de Soares. E o movimento dos escritos conduzem o leitor da terra ao mar. Isto coincide com a biografia do jesuíta que, vindo ao Brasil acompanhando o Visitador Gouveia, retorna à Europa, obviamente pelo mar, impressionado com *algumas coisas notáveis do Brasil*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Dando um tom de que muito havia a ser “descoberto” e notificando, o copista finaliza o tratado sugerindo a presença de uma natureza quase infinita, que aguardava ser descrita:

[...] muito mais se pudera escrever mas não me pareceo q' fosse tão cõprido para o que pretendia e tudo isto o mais vi cõ o olho senão os nomes das eruas e doutras cousas que não me lembrauão de qua de portugal senão p'lo nome de lingoa do brazil e a pessoa q' vio o mais e isto escreueohehu padre de muitos annos do brazil e mujcoriozo de esperementar tudo o q' assim disse (SOARES, 1966, p. 209).

Como na estrutura da natureza de Aristóteles, os elementos aguardavam a descrição e, no caso jesuítico, para dar prova da grandeza de Deus, mesmo que se usasse a “lente” nativa para assim perceber melhor os usos e perigos na *terra do Brazil*. Soares e Cardim, ao mesmo tempo em que relatavam o que viam e ouviam dizer sobre as terras brasílicas aproximavam o Novo do Velho Mundo e vice-versa.

Tentativas compiladoras em forma de tratados, os textos aqui analisados – *Coisas notáveis do Brasil* e *Do clima e terra do Brasil*, respectivamente – são fontes impressionantes da preocupação que passa a fazer parte de escritos jesuíticos neste momento. Esses dois textos seriam os que dentre aqueles dos jesuítas na Luso-América dos quinhentos que mais se aproximam, em tentativa compiladora e densidade analítica, do texto de José de Acosta (2006).

3. Conclusão

Em uma obra magistral, Frederick Turner (1990, p. 240) nos traça um belo panorama do legado dos escritos daqueles que hoje chamamos de cronistas coloniais no alvorecer da Era Moderna para o Velho Mundo em contato com o Novo. Para Turner, mesmo que se leve em conta que algumas das descrições mais entusiasmadas do Novo Mundo “eram na verdade peças de propaganda imobiliária, na época tão dadas a falsidades como hoje, a temática da beleza abundante é tão comum que não pode ser uma mentira combinada”. Assim, “essa verdade simplesmente se impunha às penas relutantes e hesitantes dos observadores brancos”, e, concretiza-nos que “se os cronistas não fossem quem eram, talvez tivessem escrito uma nova mitologia da América. O que eles escreveram foram inventários, à margem dos quais se pode perceber a presença espetacular do continente.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Durante a leitura ao texto de Cardim, diferentes aspectos me chamaram a atenção. Um deles é a própria clareza textual na descrição do mundo físico e natural do Brasil. Outro ponto a ser destacado é uma informação de Capistrano de Abreu repetida por Rodolfo Garcia sobre os “muitos pontos de contato, que se verificam às vezes pela conformidade dos conceitos e mesmo pela identidade de frases” entre os escritos de Fernão Cardim e trechos da carta supracitada de José de Anchieta (ABREU *apud* GARCIA, 1978, p. 7-21). Capistrano descobre que a primeira carta de Cardim é anterior a de Anchieta. Isso o leva a refletir sobre dois aspectos: “ou que Anchieta, satisfeito com a vivacidade e tom alegre de Cardim, o copiou insensivelmente, ou que ambos se apoiaram na informação mandada em agosto”. Capistrano acaba por deduzir ser a primeira hipótese mais verossímil (ABREU *apud* GARCIA, 1978, p. 20).

Extrapolando essa discussão relevante, o que me importa é que o texto traz um novo estilo, o de tratado. Esses escritos de Fernão Cardim, sob o título de *Do clima e terra do Brasil*, tornar-se-iam parte da expressão de uma cultura letrada trazida para cá na bagagem intelectual jesuítica e contribuinte para formulações sobre a natureza que se apresentava ao leitor sob a estrutura textual de um tratado e não sob a forma de carta. Quando falamos do gênero de tratados, podemos perceber a preocupação compiladora existente nos primeiros textos jesuíticos. E, além deste ponto, é a possibilidade de intertextualidade existente entre estes escritos inicianos do século XVI que versam sobre a natureza. Como notamos, há possibilidades de aproximações também entre os escritos de Soares com os de Cardim.

Os textos de Cardim e Soares aqui tratados parecem se aproximar até mesmo dos preceitos básicos da arte pictográfica renascentista. Segundo Priore, a imagem expressa por esta arte teria como pressuposto fundamental “a imitação ideal da natureza humana em ação”, desejando “deleitar e instruir simultaneamente” (PRIORI, 1992, p. 06).

Aspectos esses que podem certamente serem percebidos na produção textual de Cardim e Soares aqui referenciadas. Num texto “catológico”, as espécies da flora e fauna se apresentarão tendo como vetor principal o elemento humano. Por que não aproveitar do preceito adaptativo já prescrito por Loyola na formação da Companhia e perceber, pela lente dos nativos, a realidade do ambiente das “novas terras”? Por que ignorar a sabedoria indígena que, por exemplo, ensinava a fazer uso tanto dos animais quanto das plantas (fossem elas medicinais, curativas, frutíferas, alimentícias ou para se fazer mezinhas)? E, por outro lado, por que

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

não se utilizar dos referenciais apreendidos tanto pela tradição aristotélico-tomista quanto pelo viés da constituição humanista cristã durante a formação do missionário pela Companhia? Eis algumas questões que esses inicianos imersos num humanismo cristão adaptado ao que viam e presenciavam no Novo Mundo nos parecem responder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Joseph de. *Historia natural y moral de las Indias*. *Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes*. Disponível em: www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/124716...html. Acesso em: 2 mar. 2006.

ANCHIETA, José de. *Cartas. Informações, fragmentos históricos e sermões*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

CARDIM, Fernão. *Tratado da terra e gente do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1978.

CUNHA. In: SOARES, Francisco. *Coisas notáveis do Brasil*. V. 1. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; Ministério da Educação e Cultura, 1966.

EISENBERG, Peter. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

GARCIA, Rodolfo. Introdução. In: CARDIM, Fernão. *Tratado da terra e gente do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1978. p. 7-21

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa/Rio de Janeiro: Portugália/Civilização Brasileira, 1938–1950. (10 Tomos)

PINHO, Leandro Garcia. *Jesuítas e pensamento mestiço: adaptação e ocidentalização nos escritos quinhentistas luso-americanos de Anchieta, Soares e Cardim*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora-MG, 2006. 175p.

PRIORE, Mary Lucy Murray Del. Retrato da América quando jovem: imagens e representações sobre o Novo Continente entre os séculos XVI e XVIII. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 9, p. 3-13, Rio de Janeiro, 1992.

SOARES, Francisco. *Coisas notáveis do Brasil*. V.1. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; Ministério da Educação e Cultura, 1966.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

TURNER, Frederick. *O espírito Ocidental contra a natureza*. Mito, história e terras selvagens. Rio de Janeiro: Campus, 1990.